



Lágrima de Narciso¹

Michel de Oliveira SILVA²

Beatriz COLUCCI³

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma representação do mito de Narciso através do auto-retrato, que se desenvolveu na pintura, e evoluiu como um subgênero da fotografia, sendo utilizado por alguns artistas como meio de expressão e representação pessoal. Com as novas configurações sociais, onde a imagem muitas vezes é mais valorizada que o próprio indivíduo, a fotografia tornou-se uma das maiores representantes de uma espécie de narcisismo coletivo, principalmente com a facilidade trazida pela fotografia digital.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia artística, auto-retrato, mito de Narciso, narcisismo.

INTRODUÇÃO

Na mitologia grega Narciso era um jovem que possuía uma beleza fora do comum. No dia de seu nascimento o adivinho Tirésias profetizou que ele teria vida longa, desde que jamais contemplasse a própria figura. Narciso cresceu indiferente aos sentimentos alheios, desprezando quem lhe devotava amor. Um dia ao observar o reflexo de seu rosto nas águas de uma fonte, apaixonou-se pela própria imagem e ficou a contemplá-la até morrer. Outra versão do mito diz que ele se atirou na água em busca de seu reflexo.

A lenda de Narciso tornou-se conhecida através da interpretação psicológica de Freud, que cunhou o termo narcisismo, comportamento psicológico em que o indivíduo não consegue se voltar ao mundo que o cerca, ficando preso a uma admiração de si mesmo. Com o desenvolvimento da sociedade de consumo, uma espécie de narcisismo coletivo passou a fazer parte da identidade do homem contemporâneo. Para Santi (2008, p. 176) “o sentimento coletivo dominante é que se deve viver o momento presente e exclusivamente para si. Não se trata simplesmente de um simples retorno do sentimento onipotente do

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação, modalidade Fotografia Artística.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo, monitor da disciplina Fotografia e Iluminação, email: mytchells@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Artes e Comunicação Social, email: bcolucci@uol.com.br.

narcisismo infantil, mas de um fechamento provocado pelo ‘desterro’ do sujeito, tal como concebido na Modernidade: livre, ativo e autônomo”.

O narcisismo também foi muito relacionado, pelo senso comum, ao comportamento dos artistas, que foram muitas vezes acusados de viver em um mundo próprio, distante da realidade. O mito de Narciso é tema recorrente nas artes, sendo representado na pintura (figura 1 e 2), na música, na literatura, dentre outras.

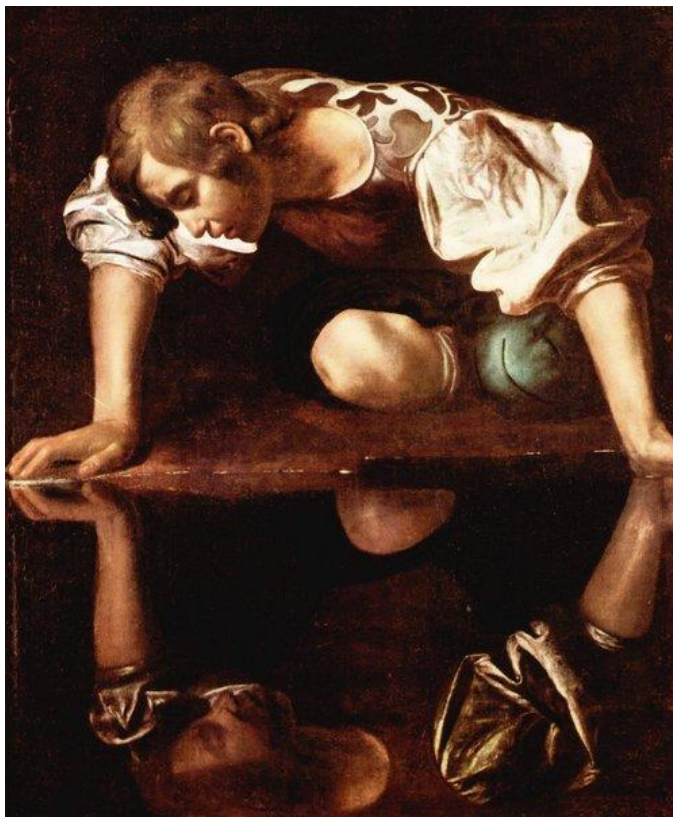


Figura 1. ‘Narciso’ de Michelangelo Caravaggio

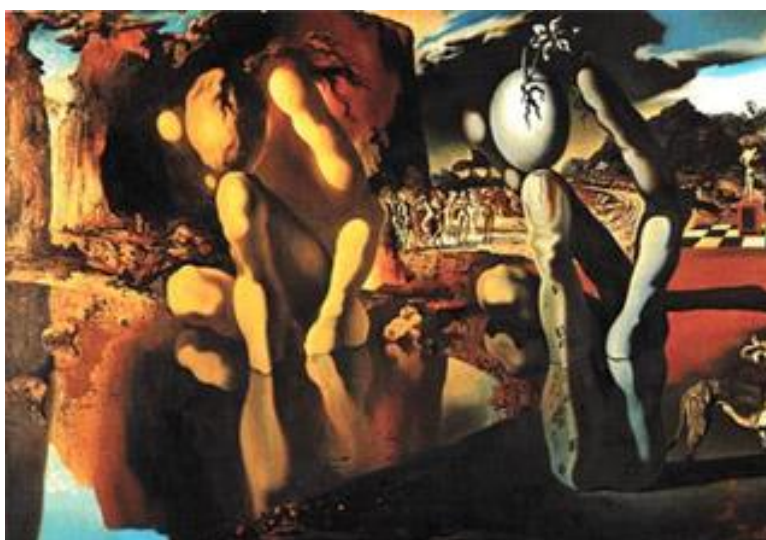


Figura 2. ‘Metamorphose de Narciso’ de Salvador Dali

OBJETIVO

A busca pela materialização de uma imagem abstrata, criada mentalmente, foi o principal propulsor para realização da fotografia ‘Lágrima de Narciso’, uma releitura do mito grego. De acordo com Tavares a fotografia tornou-se um dos elementos centrais da produção artística. “A fotografia contemporânea, tal como a pintura, tem na sua essência a criação de metáforas, de conotações, de analogias diversas, conseguindo converter a objectividade em subjectividade”, (2009, p. 123).

O que é chamado de fotografia artística, muitas vezes, não passa de “acidentes de percurso”: por não saber explicar qual o significado torna-se arte. No entanto não estamos de acordo com essa forma de pensamento. A arte nasce da intencionalidade de seu autor, dessa forma desde a idealização da imagem até a edição havia um intuito, ainda que muitas vezes subjetivo até mesmo para o próprio fotógrafo. A imagem final não é um retrato mimético, é uma construção que evoca em quem observa um estranhamento, por vezes até repulsa.

JUSTIFICATIVA

[...] o auto-retrato não se configura apenas como uma representação narcísica, mas como uma forma de representação da própria identidade, incluindo aí o estranhamento característico do homem contemporâneo. (Falcão, 2008, p. 1170).

O auto-retrato é um gênero herdado da pintura, muitos artistas perpetuaram sua imagem sobre uma tela. Para isso, era necessário que se visse no espelho. Muitos pintores, no entanto, não faziam representações reais de si, preferindo retratar-se de uma forma figurativa ou abstrata. A fotografia abriu novas possibilidades, não é necessário mais o espelho, o indivíduo “face a face” com a câmera pode eternizar a própria imagem.

Os avanços da tecnologia digital ampliaram de maneira ainda mais radical a forma das pessoas se auto-representarem, principalmente com a popularização das câmeras compactas. Uma cena tornou-se muito comum: a pessoa aponta a câmera para si e tira diversas fotos com expressões e poses variadas e colocam essas imagens em redes de relacionamento como o Orkut e o Facebook. Alguns artistas, no entanto, viram nessa facilidade uma forma de expressão, a exemplo da fotógrafa estadunidense Cindy Sherman, que se auto-retrata em diversas situações, construindo múltiplo de si, que muitas vezes extrapolam o próprio conceito de auto-retrato.

Mesmo que, em outros momentos históricos, o auto-retrato tenha sido considerado um gênero menor, hoje, ele é largamente empregado nas poéticas contemporâneas, pois os artistas lhe atribuem novos conceitos, sendo ele construído não mais como mimese da aparência física do autor, mas como forma de buscar identidade ou de produzir estranhamento. (Perez, 2008)

O auto-retrato como expressão artística ultrapassa a representação fiel de uma realidade. Muitas vezes torna-se a procura por uma nova identidade, ou até mesmo a desconstrução da imagem refletida pelo espelho, numa espécie de autodestruição da própria imagem fixada na superfície fotográfica, principalmente com a facilidade de manipulação da imagem digital.

Muitos artistas e pesquisadores estudam essa relação entre o auto-retrato e a construção desses múltiplos. Para Fábio Gatti (2009, p.412) “o auto-retrato promove-me à qualidade de observador, fazendo-me aceitar as minhas mais repulsivas características, mostrando-me que sou não apenas um, mas sim um reflexo de vários outros seres dotados de outras milhares de características”.

Karina Perez (2008) acrescenta que na arte contemporânea o auto-retrato permite que o indivíduo encontre uma representação mais verdadeira de si, revelando o que achar conveniente, forjando uma identidade ou construindo várias. Para ela “quando alguém se posiciona frente a uma câmera fotográfica assume personagens, por meio da pose, que é uma atitude teatral, na qual o indivíduo oferece à objetiva a melhor imagem de si. [...] criando uma imagem ficcional que oculta a essência do sujeito”.

Henri-Pirre Jeudy (2002, p. 165) vai ainda mais longe, ele considera que o auto-retrato digital torna-se autônomo, pois a representação do corpo através do meio virtual passa a ter uma dupla figuração:

O que caracteriza a imagem digital do meu próprio corpo é, paradoxalmente, a negação da semelhança pelo desdobramento. A imagem que eu poderia considerar de mim torna-se autônoma graças à sua “objetividade”. A imagem sintética não me oferece meu outro; faz de minha imagem, após sua separação, uma imagem-objeto sobre a qual os outros podem agir e eu também.

Surgida de uma incompatibilidade entre a imagem que o fotógrafo tem de si mesmo com a que é mostrada pelo espelho, ‘Lágrima de Narciso’ apresenta um antagonismo: ao passo que a lágrima escorre pelo rosto não há uma expressão de dor, denotando certo cinismo do homem contemporâneo. A fotografia, nesse caso, funciona como uma máscara, o fotógrafo se mostra como quer ser visto pelos outros, o que não necessariamente

corresponde à imagem que ele tem de si. A água, elemento central do mito, não mostra o reflexo, mas escorre pelo rosto, denunciando que o narcisismo não é exterior.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para realização da proposta foi utilizada uma câmera fotográfica compacta Finepix S700 da Fujifilm, modo automático com a utilização do flash.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Por se tratar de um auto-retrato não havia como ver a imagem que seria capturada no visor da câmera, por isso, foram feitas várias tentativas até chegar ao resultado idealizado. Para complicar ainda mais, foi necessária muita atenção para não molhar a câmera com a água que caía do chuveiro.

Conseguido o enquadramento, o passo seguinte foi a edição da imagem, utilizando o programa Adobe Photoshop CS3, através dos recursos de correção cor (a luz incandescente deixou a imagem muito amarelada), contraste e saturação. Foram utilizados também filtros de nitidez e de redução de ruído. Para melhorar o enquadramento foi feito um corte na imagem, deixando o olho em um dos pontos de atenção da imagem, aumentando assim a dramaticidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos artistas forjam cenas, interpretam personagens, utilizam o auto-retrato como forma de expressão que questiona a fraca identidade do homem contemporâneo. Segundo Perez (2008) “é plausível ao retrato não testemunhar nada, sendo, também, a fotografia fonte de mentiras”. Dessa forma seu papel como representação do real é questionado, o retrato mimético dá lugar a capacidade inventiva do fotógrafo.

A manipulação de imagens, repudiada pelo fotojornalismo, é, para o campo artístico, um vasto campo de criação e pesquisa. Essa manipulação tornou-se ainda mais fácil com a popularização das tecnologias digitais, que permitiu que um maior número de pessoas tivesse acesso às técnicas de edição de imagem, possibilitando que a fotografia se configure como um dos maiores suportes para a produção artística contemporânea.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FALCÃO, Janaína; HARTMANN, Luciana. **O auto-retrato como estratégia narrativa**. In: Anais do 17º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas Panorama da Pesquisa em Artes Visuais. Florianópolis, SC, 2008. p. 1768-1779. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/2008/artigos/160.pdf>. Acessado em 15 de março de 2010.

GATTI, Fábio L. O. **Auto-Retrato: a expressão fotográfica e o desenho simbólico**. In: 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 411-424. Disponível em: http://www.anpap.org.br/2009/pdf/cpa/fabio_luiz_oliveira_gatti.pdf. Acessado em 15 de março de 2010.

JEUDY, H. P. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Ed. Liberdade, 2002.

PEREZ, Karine G. **Auto-retrato fotográfico no processo artístico pessoal: uma proposta de estranhamento e descoberta de outro "eu" em mim**. In: Anais do I Seminário Nacional de Pesquisa em Cultura Visual. Goiânia: UFG, 2008. p. 1-11. Disponível em: http://portais.ufg.br/projetos/seminariodeculturavisual/images/pdf_I_Seminario/GT2/karine.pdf. Acessado em 15 de março de 2010.

SANTI, P. L. R. **Consumo e desejo na cultura do narcisismo**. Comunicação, Mídia e Consumo (São Paulo), ESPM - São Paulo, v. Vol.2, n. Ano II nº, p. 173-204, 2005. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/56/55>. Acessado em 15 de março de 2010.

TAVARES, A. L. M. **A fotografia artística e o seu lugar na arte contemporânea**. Revista Sapiens: História, Patrimônio e Arqueologia. N.º 1 (Julho 2009), pp. 118-129. Disponível em: http://www.revistasapiens.org/Biblioteca/numero1/A_fotografia_artistica.pdf. Acessado em 15 de março 2010.